

## ACERCA DA TRADUÇÃO DA METÁFORA <sup>1</sup>

A falta de correspondência cultural e linguística entre a LP (língua de partida) e a LC (língua de chegada), é considerada, no âmbito da teoria da tradução, uma zona geradora de dificuldades tão vasta que é difícil traçar-lhe as fronteiras com um mínimo de precisão de modo a proporcionar-se apoio seguro ao tradutor prático. No entanto, através da análise de alguns exemplos, é possível tomar-se consciência da dimensão e das consequências dessa falta de correspondência entre uma e outra língua, e, naturalmente, dos cuidados que todo o tradutor, mesmo o mais experiente e preparado, deve ter a todo o momento do seu trabalho para evitar que, inopinadamente, possam surgir nas suas traduções soluções precipitadas, absurdas ou mesmo definitivamente erradas.

O assunto que me proponho abordar aqui integra-se nessa vasta zona de dificuldades e trata da complexa (e também polémica) questão das figuras de retórica em tradução, especificamente das dificuldades representadas pela tradução da metáfora, um assunto que, por um lado, não tem merecido atenção generalizada por parte dos teóricos da tradução, conforme alguns se têm empenhado em sublinhar, e, por outro lado, tem sido, em minha opinião, alvo de algumas propostas demasiadamente radicais: uns acham que a tradução da metáfora é igual à tradução de todos os outros tipos de linguagem; outros entendem, pura e simplesmente, que ela tem de ser tratada de forma completamente diferente por estar para além dos limites da traduzibilidade.

A propósito da pouca atenção concedida à tradução desta figura de retórica, Dagut, por exemplo, queixava-se em 1976 de que havia «uma quase grotesca desproporção entre a importância e a frequência da ‘metáfora’ na língua usada e o papel extremamente diminuto que lhe era conferido em teoria da tradução» <sup>2</sup>. Mais recentemente, Raymond van den Broeck,

---

<sup>1</sup> Agradeço ao Dr. Carl James, do University College of North Wales (Bangor), os materiais bibliográficos que me aconselhou e cedeu para o estudo que esteve na base deste trabalho. E ao professor Óscar Lopes a forma empenhada e útil como comentou as minhas propostas.

<sup>2</sup> DAGUT, M. B. — *Can «metaphor» be translated?*, «Babel», XII, 1976, p. 21.

estranhava também essa falta de atenção, mas procurava explicá-la pela «inadequação intuitivamente subscrita e geralmente aceite de qualquer generalização acerca da traduzibilidade da metáfora»<sup>3</sup>. Mais recentemente ainda, Mary Snell-Hornby volta a focar essa aparente renúncia dos especialistas a teorizarem a tradução da metáfora, mas refere-se já a Peter Newmark como o autor que mais atenção tem dado a esta questão ao consagrar-lhe um capítulo do seu livro *Approaches to Translation*, publicado em 1981<sup>4</sup>. De facto Newmark deve ser visto como um caso especial de preocupação com a tradução da metáfora, abordando muitos dos seus aspectos teóricos com alguma extensão e minúcia. Se essa preocupação surgia já em 1981, ela tem-se mantido, pois, numa obra mais recente<sup>5</sup>, com um novo título mas com conteúdo substancialmente idêntico ao da obra anterior, volta a dedicar ao assunto uma atenção muito especial, embora, em meu entender, ainda não suficientemente clarificadora.

Bastante de passagem, alguns outros autores recentes, que irão sendo referidos ao longo deste artigo, afluem a questão em alguns dos seus aspectos, contribuindo desse modo para sublinhar a necessidade do seu estudo e salientar a urgência e utilidade da sua análise.

Assim, o estudo da tradução da metáfora não é terreno virgem nem inédito. Pode mesmo afirmar-se que, nos anos mais recentes, alguma coisa tem mudado no sentido de se irem preenchendo os vastos espaços vazios que os autores citados se têm esforçado por denunciar. Eis um exemplo sintomático: em 1968 Haas escrevia: «não há nenhum dicionário bilingue de metáforas»<sup>6</sup>. Hoje essa afirmação já perdeu toda a sua actualidade. Com efeito, além de numerosos dicionários de expressões idiomáticas (que integram inevitavelmente expressões metafóricas), existem já dicionários bilingues de metáforas. Dois deles, pelo menos, foram publicados no Brasil: um de inglês-português e outro de português-inglês<sup>7</sup>. Mas isto não modifica substancialmente aquilo que alguns autores já citados escreveram sobre a relativa exiguidade de atenção que a metáfora tem merecido por parte dos teorizadores que se ocupam da tradutologia moderna. Há, de facto, muito a

---

<sup>3</sup> BROECK, Raymond van den — *The limits of translatability exemplified by metaphor translation*, «Poetics Today», vols. 2-4, 1981, p. 73.

<sup>4</sup> SNELL-HORNBY, Mary — *Translation Studies. An Integrated Approach*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1988, p. 56.

<sup>5</sup> NEWMARK, Peter — *A Textbook of Translation*, New York/London, Prentice Hall, 1988.

<sup>6</sup> Cit. DAGUT — *Op. cit.*, p. 21.

<sup>7</sup> Refiro-me a CAMARGO, Sidney & STEINBERG, Martha — *Dictionary of Metaphoric Idioms English-Portuguese*, São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1989.

fazer no sentido de dotar os manuais de tradução com o máximo de regras e princípios, de modo a conseguir-se mais harmonia nas atitudes relativas à tradução de metáforas e mais apoio para aqueles que pretendem formar-se (ou simplesmente informar-se) na arte difícil e nem sempre gratificante de traduzir.

Significará esta acentuada escassez de elementos teóricos sobre a tradução da metáfora que esta figura de retórica tenha passado despercebida, em grau correspondente, à generalidade daqueles que, regular ou esporadicamente, se dedicam à actividade translatória? A resposta, pelas razões que apresentarei de seguida, terá de ser negativa, embora, muito provavelmente, as soluções práticas encontradas não tenham sido sempre aquelas que mais se coadunam com a pouca teoria existente, sendo esta caracterizada, ainda por cima, por posições frequentemente divergentes.

Aliás, quase tudo o que tem sido escrito sobre a metáfora enferma de falta de unanimidade, a começar pela sua própria definição. Embora concordantes na essência, os sucessivos teóricos têm modalizado a linguagem com que definem a metáfora em obediência às suas respectivas escolas e correntes linguísticas. A definição espantosamente simples e directa de Aristóteles, segundo a qual *metáfora é a aplicação a uma coisa do nome de outra coisa*, é muito mais clara do que, por exemplo, a de Greimas, que diz que a metáfora é «a manifestação de uma isotopia complexa»<sup>8</sup> ou, «em termos de semântica generativa, um desvio às regras normais da restrição de selecção»<sup>9</sup>. Igualmente simples e clássica é a definição escolar de metáfora como *comparação abreviada*, facilmente exemplificável através de algo do género de *A minha mãe é (bondosa) como uma santa* (comparação) e *A minha mãe é uma santa* (metáfora).

Umberto Eco escreveu muito acertadamente:

«apercebemo-nos muito depressa de que, na maior parte dos milhares de páginas escritas sobre a metáfora, nada se acrescenta aos dois ou três primeiros conceitos fundamentais enunciados por Aristóteles»<sup>10</sup>.

Um aspecto a relevar a propósito da metáfora é que, não obstante a sua elevada frequência em todos os tipos de linguagem, nem sempre, ou mesmo só muito raramente, os falantes e ouvintes (outro tanto se pode dizer

---

<sup>8</sup> GREIMAS, A. J. — *Sémantique Structurale: Recherche de Méthode*, Paris, Larousse, 1966, p. 96.

<sup>9</sup> BROECK — *Op. cit.*, p. 74.

<sup>10</sup> ECO, Umberto — *Sémiotique et Philosophie du Langage*, Paris, Presses Universitaires de France, 1988, p. 140.

daqueles que escrevem e lêem) tomam consciência da sua contínua presença. Lakoff e Johnson têm total razão quando escrevem que

«a metáfora é para a maioria das pessoas um instrumento da imaginação poética e do floreado retórico — uma questão mais de linguagem extraordinária do que comum. Mais do que isso, a metáfora é encarada como característica apenas da linguagem, uma questão de palavras, mais do que uma questão de pensamento e acção. Por isso a maioria das pessoas pensa que se pode arranjar perfeitamente sem metáforas. Mas, pelo contrário, nós descobrimos que a metáfora penetra em todos os aspectos da vida, não apenas na linguagem, mas também no pensamento e nos actos. O nosso normal sistema conceptual, em cujos termos pensamos e agimos, é fundamentalmente de natureza metafórica»<sup>11</sup>.

Obviamente, é no campo da linguagem que as nossas preocupações de momento se situam e, se acrescentarmos a quanto já foi dito que «três quartos da língua inglesa consistem de metáforas usadas»<sup>12</sup> ou mesmo, talvez com algum exagero, que «uma palavra não é mais do que uma metáfora em substituição de um objecto ou, em certos casos, de outra palavra»<sup>13</sup>, tomaremos consciência da sua extraordinária incidência. Segundo Miguel Baptista Pereira, a palavra representa a realidade:

«Quando a palavra acontece, não suspendemos nem reduzimos a realidade, mas dizemo-la, desocultando-a e percebendo-a»<sup>14</sup>.

E Comênio ia mais longe ao escrever que «as palavras não se devem aprender separadamente das coisas, uma vez que as coisas separadas das palavras nem existem»<sup>15</sup>; as palavras são, portanto, usadas em lugar das coisas. Na linha destes dois pensadores, a própria palavra é uma metáfora da realidade.

---

<sup>11</sup> LAKOFF, George; JOHNSON, Mark — *Metaphors we Live By*, Chicago/London, The University of Chicago Press, 1980, p. 3.

<sup>12</sup> NEWMARK, Peter — *Approaches to Translation*, Oxford, Pergamon Press, 1981, p. 85.

<sup>13</sup> RABASSA, Gregory — *No two snowflakes are alike: translation as metaphor*, in BIGUENET, John; SCHULTE, Rainer (eds.) — *The Craft of Translation*, Chicago/London, The University of Chicago Press, 1989, p. 1.

<sup>14</sup> PEREIRA, Miguel Baptista — *Compreensão e alteridade*, «Biblos», 52, 1976, p. 92.

<sup>15</sup> COMÊNIO, João Amos — *Didáctica Magna*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1966 (1.ª edição original 1632), p. 332, (Tradução e notas de Joaquim Ferreira Gomes).

Se a isto acrescentarmos que a língua inglesa é tão rica em expressões idiomáticas e é a língua de que aqui me ocupo de forma especial, tomaremos maior consciência da enorme importância de que a metáfora se reveste para o nosso propósito específico.

Se tal figura de retórica é de tão frequente ocorrência na linguagem de todos os dias, ela surge fatalmente, com igual frequência, nos caminhos do tradutor, tendo este que estar preparado para enfrentar os eventuais problemas que a sua tradução lhe puser.

Uma componente inevitável dessa preparação é, naturalmente, a classificação das metáforas de acordo com a sua natureza, ou melhor dizendo, de acordo com a sua 'idade'. Mas também aqui, não são coincidentes as tipologias que encontramos na literatura que se debruça sobre esta questão. Há não só variação entre as propostas dos diferentes autores, mas, às vezes, um mesmo autor é também inconsistente na classificação que nos propõe. Newmark está neste caso. Na sua obra de 1981 já referida, *Approaches to Translation*, informa-nos de que

«Sugeri algures que há *quatro*<sup>16</sup> tipos de metáfora: fossilizada, institucionalizada»<sup>17</sup>, criada recentemente e original»<sup>18</sup>.

Escassas páginas adiante escreve:

«Proponho-me discutir *três*<sup>19</sup> tipos de metáfora: morta (fossilizada), institucionalizada e original (criativa)»<sup>20</sup>.

No seu livro mais recente, *A Textbook of Translation*, confunde-nos ainda mais ao alargar o número: «Distingo *seis*<sup>21</sup> tipos de metáfora: morta, 'cliché', tradicional, adaptada e original»<sup>22</sup>. E embora seja inteligente o modo como define cada um destes seis tipos e os ilustra com escolhidos exemplos, fica-nos a sensação de que Newmark leva o seu preciosismo demasiadamente longe, deixando-nos dúvidas sobre a separação clara entre algumas categorias, como, por exemplo, entre metáforas 'cliché' e metáforas convencionais ou entre metáforas recentes e metáforas originais.

---

<sup>16</sup> Sublinhado meu.

<sup>17</sup> Este adjectivo talvez seja aquele que melhor traduz o original inglês *stock* (*metaphor*).  
Todavia, utilizarei mais frequentemente outra designação corrente: *convencional*.

<sup>18</sup> NEWMARK — *Op. cit.*, p. 32.

<sup>19</sup> Sublinhado meu.

<sup>20</sup> NEWMARK — *Op. cit.*, p. 48.

<sup>21</sup> Sublinhado meu.

<sup>22</sup> NEWMARK, Peter — *A Textbook of Translation*, p. 106.

Dagut, por sua vez, oferece-nos uma tipologia de três grandes categorias, de definição vaga: a primeira, talvez a maior, é a das metáforas efémeras e esquecidas, produtos passageiros da literatura e do jornalismo; a segunda, um grupo igualmente grande, é a daquelas metáforas que permanecem o que eram na sua origem (criações semânticas singulares) e que, não obstante serem muito frequentemente citadas, mantêm uma certa separação em relação à linguagem rotineira e institucionalizada; a terceira categoria, menos numerosa mas ainda muito ampla, abrange aquelas metáforas que são usadas, já não como citações, por um número crescente de falantes e que perderam assim o seu carácter de exclusividade, tornando-se parte integrante do património linguístico e figurando como linguagem comum, como léxico neutro nos dicionários <sup>23</sup>. Esta divisão, mais simples, peca, talvez, pelo facto de estabelecer diferença entre metáforas esquecidas e metáforas correntes, sem que na sua natureza haja entre elas uma distinção substancial. De resto, para o tradutor, tal diferença não releva muito, na medida em que não lhe cabe apenas traduzir textos modernos ou muito lidos.

Van de Broeck também considera três tipos de metáfora, mas define-os com mais clareza: a) o das metáforas lexicalizadas, institucionalizadas ou mortas; b) o das vivas, tradicionais ou convencionais; e c) o das inovadoras, particulares ou ousadas <sup>24</sup>. Além de mais clara, esta classificação apresenta-se como mais útil para o tradutor, já que, como referirei adiante, cada um destes três tipos pode ser abordado diferentemente em termos translatórios.

Por vezes, deparamos ainda com uma classificação complementar, mas pouco importante para o aspecto de que agora me ocupo, que divide as metáforas em simples (quando consistem de um único item lexical) e complexas (quando abrangem duas palavras ou mais).

Como disse acima, e também por uma questão de método, convém que nos fixemos numa tipologia que funcione como apoio aos objectivos da tradução. Nesse sentido — sem negar legitimidade teórica a algumas das classificações citadas — parece-me suficiente dividir as metáforas em três grandes agrupamentos. O primeiro (na perspectiva cronológica) será o das *Metáforas mortas* (lexicalizadas), que engloba aquelas formas que entraram na normalidade da língua, embora originalmente tenham sido criações metafóricas. São exemplos (em inglês) *breakfast*, *everybody*, *beforehand*, *mouth* (of a river), *field* (of studies), *circle* (of friends). O segundo grupo será o das *metáforas vivas* (convencionais), criadas por alguém em certo momento, às vezes já velhas de séculos, a que se recorre regularmente quando se procura dar expressividade, colorido ou disfarce ao que dizemos ou escrevemos. São exemplos: *to break one's back* [with work], *to live in an*

<sup>23</sup> Cf. DAGUT — *Op. cit.*, p. 23.

<sup>24</sup> BROECK — *Op. cit.*, p. 75.

*ivory tower, to grease one's palm, hawks and doves, wooden face.* O terceiro grupo será o das metáforas originais (inovadoras, criativas) que não são ainda conhecidas nem citadas e que, por isso, não figuram ainda nos dicionários com o novo sentido que lhes acaba de ser dado, mas que podem surgir no caminho do tradutor em qualquer texto que lhe seja dado a traduzir. Como é óbvio, torna-se difícil apresentar exemplos deste tipo de metáfora, mas todos temos consciência de que é usado com frequência em alguns gêneros de discurso, nomeadamente no político e no jornalístico, por exemplo. Também não é fácil julgar-se até que ponto aquilo que nos parece ser uma metáfora verdadeiramente original e criativa não passa de algo consideravelmente conhecido de outras pessoas. É isso que poderá acontecer com a passagem seguinte de um número recente da revista *Time* em que o autor abordava a atitude da França relativamente à redução de armamentos:

*Paris sizzled in the spotlight of recriminations, but last week it took action to avoid the heat.*

Neste exemplo são vários os termos usados em sentido metafórico, inclusivamente *sizzled* e *spotlight*, que, com o sentido que aqui veiculam, são frequentemente usados. No entanto, na combinação *sizzled in the spotlight of recriminations*, têm, muito provavelmente, utilização original. Por isso considero que há aqui uma metáfora original.

Não pretendo que cada um dos três grupos que acabo de propor deva ser visto como absolutamente isolado dos restantes, particularmente daqueles que lhe são contíguos nesta distribuição pretensamente 'cronológica'. Nisso concordo com Newmark quando escreve a propósito da tipologia que ele próprio adianta: «Cada um destes tipos [de metáfora] é claramente distinto dos restantes no que respeita ao respectivo centro, mas todos se confundem uns com os outros na periferia»<sup>25</sup>. Snell-Hornby expressa uma ideia semelhante, usando, todavia, palavras ligeiramente diferentes: «Aquilo que a maior parte das tipologias de metáforas parece ter em comum é a polarização entre «originais» por um lado e «mortas» por outro, com um vasto e disputado território entre cada polo»<sup>26</sup>. Aliás, a evolução histórica da metáfora, conforme no-la apresenta Le Guern, aponta exactamente para a existência de largas zonas de sobreposição — embora esta possa ser apenas temporária — e envolve as várias categorias. Essa

«evolução histórica [...] esquematiza-se deste modo: a criação individual, num facto de linguagem, primeiro único e depois repetido, é retomada por mimetismo num meio limitado e o

<sup>25</sup> *Approaches to Translation*, p. 48.

<sup>26</sup> *Translation Studies*, p. 57.

emprego tende a tornar-se cada vez mais frequente nesse meio ou num determinado género literário antes de se generalizar na língua; à medida que se for desenvolvendo este processo, a imagem atenua-se progressivamente, tornando-se primeiro «imagem afectiva», depois «imagem morta» [...]. A evolução atinge um último grau quando a metáfora se tornou termo próprio»<sup>27</sup>.

Poderá então acontecer que o tradutor depare com metáforas que, por força do ponto em que se encontram na sua evolução histórica, não encaixem de forma claramente discriminada na classificação que acabei de propor. Mesmo assim, parece-me indispensável, em termos metodológicos, que se proceda a qualquer tipo de classificação simplificada, dado que, na prática translatória, cada tipo de metáfora e respectiva identificação pode implicar abordagens e cuidados diferentes.

Para além da teoria, isto é, no plano da tradução prática da metáfora, comecemos pelos seus aspectos gerais, partindo do princípio de que, como (parte da) linguagem, ela está sujeita às mesmas restrições e goza das mesmas vantagens que são inerentes a quaisquer outras componentes da língua, embora admitindo, como demonstrarei mais tarde, que tal tradução apresente dificuldades especiais acrescidas. Traduzir o que quer que seja, como aceita a generalidade dos teóricos e, muito particularmente, a generalidade dos praticantes de tradução, é um processo de perda inevitável. Perda de sentido, obviamente. E isso acontece porque, como diz Gregory Rabassa, «uma tradução não pode nunca igualar-se ao original; pode aproximar-se dele e a sua qualidade só pode ser avaliada, no que diz respeito a precisão, pelo grau de aproximação ao mesmo original»<sup>28</sup>. Através de um raciocínio muito curioso, este autor procura tirar ao tradutor a ilusão de que a tradução perfeita seja alguma vez possível, dizendo-nos que não há duas coisas iguais no mundo, ao contrário do que somos habituados a pensar como resultado da nossa primeira escolarização, especialmente em consequência da forma como a aritmética nos é ensinada.

«Sendo-nos ensinadas, desde a altura das nossas primeiras letras e algarismos, coisas como  $2=2$ , raramente despertamos para o facto de isso ser impossível, excepto como conceito puramente teórico e fantasioso, uma vez que o segundo 2 é obviamente um niquinho mais novo do que o primeiro e, por conseguinte, não é igual a ele»<sup>29</sup>.

---

<sup>27</sup> Le GUERN, Michel — *Semântica da Metáfora e da Metonímia*, Porto, Livraria Telos Editora, pp. 125-6. (Tradução de Graciete Vilela).

<sup>28</sup> RABASSA — *Op. cit.*, p. 1.

<sup>29</sup> *Ibidem*.

Sendo esta uma filosofia de difícil contestação, se a transpusermos para a tradução, em particular para a tradução da metáfora, apenas aumentaremos a angústia de que o tradutor consciente acaba sempre por sofrer. E isto, porque a metáfora, para além da sua expressão em termos linguísticos, é sempre portadora de uma forte carga cultural ou psicológica que lhe permite veicular novos sentidos, permite-lhe «designar realidades que não têm termo próprio. Permite quebrar as fronteiras da linguagem, dizer o indizível», para usarmos a linguagem de Le Guern<sup>30</sup>. Ao vertermos uma metáfora para outra língua, normalmente para a nossa língua de uso habitual, teremos que analisar, primeiramente, se tal metáfora representa de facto uma «violação das regras que regulam o sistema linguístico»<sup>31</sup> da LP como consequência dessa busca pela expressão original ou preenchedora de lacunas semânticas; seguidamente, pelo lado do tradutor, tem de encetar-se outra busca, pela correspondência na LC, se possível, de uma outra metáfora igualmente violadora das normas convencionais. Esta será a primeira importante regra a reter e a primeira que o tradutor deve procurar aplicar sempre que uma metáfora lhe surgir pela frente. Neste ponto, não avançarei ainda para o modo de actuação que deve ser assumido quando não se encontrar na LC a correspondência procurada. Mais adiante tratarei da questão, dado ela ser comum a outros casos que aqui vão ser focados. Todavia, antes de avançarmos, é oportuno registar-se que há quem defenda, especialmente alguns teóricos alemães<sup>32</sup>, que a tradução da metáfora não oferece dificuldades especiais por ser um dado estrutural da cognição humana, isto é, um 'universal' linguístico. Mesmo quando o tradutor não encontra na LC uma metáfora correspondente àquela que se apresenta no texto de partida — o que pode perfeitamente acontecer em resultado da natureza exclusiva dessa figura de retórica e das suas implicações culturais/civilizacionais —, isso não representa obstáculo absoluto visto ser de esperar que o tradutor, que partilha com os restantes cidadãos do mundo os campos imagísticos e as estruturas de imaginação comuns a toda a gente, seja capaz de criar uma nova metáfora. A perfilhar-mos esta opinião, a tradução da metáfora tornar-se-ia banal, reduziria significativamente o esforço de busca de correspondências e contrariaria o conceito de intraduzibilidade que alguns lhe associam. Em todo o caso, há um aspecto nesta teoria que acabaria por atribuir ao tradutor uma responsabilidade acrescida e um sério factor de risco. É que, ao ser-lhe outorgada a função de *criar* metáforas, ele ver-se-ia implicado num processo

<sup>30</sup> *Op. cit.*, p. 111.

<sup>31</sup> BROECK — *Op. cit.*, p. 80.

<sup>32</sup> Estão neste caso KLOEPFER, Rolf — *Die Theorie der Literarischen Übersetzung. Romanisch-deutscher Sprachbereich*, Munique, Wilhelm Fink Verlag, 1967 e REIB, Katharina — *Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungs Kritik. Kategorien und Kriterien für eine sachgerechte Beurteilung von Übersetzungen*, Munique, Max Hueber Verlag, 1971.

de criatividade que, em meu entender, transcende a criatividade que lhe é normalmente exigível. Estou mesmo em crer que, quando o tradutor 'ousa' ou 'se vê forçado' a criar uma nova metáfora, isso decorre mais da sua incapacidade para tornar o problema do que da sua competência como tradutor.

No entanto, bem vistas as coisas, Klopfer e Reiss acabam por ter um pouco de razão quando defendem que o tradutor, como os restantes cidadãos, é senhor de um património imagístico e imaginativo largamente partilhado. Não direi *universalmente partilhado*, admitindo embora que, em alguns casos, isso se possa verificar, mas partilhado pela generalidade dos falantes de línguas diferentes que pertençam a uma mesma zona cultural, por exemplo, à chamada civilização ocidental, ou à civilização europeia. Se atentarmos nos exemplos seguintes, chegaremos forçosamente a essa conclusão.

Português	Inglês	Francês	Alemão	Espanhol	Italiano
<i>Dar a palavra</i>	To give one's word	Donner sa parole	Sein Wort geben	Conceder la palabra	Dare la parola
<i>Ter um parafuso desapertado</i>	To have a screw loose	Avoir une case em moins	Eine Schraube ist locker	Tener un tornillo flojo	
<i>Estar a rebentar pelas costuras</i>	To be bursting at the seams	Etre plein à craquer	Aus allen Nähten pläten	Reventando las costuras	
<i>Um raio de esperança</i>	A ray of hope	Une luer d'éspoir	Ein Hoffnungsstrahl	Un rayo de esperanza	Un barlume di speranza
<i>Trabalhar contra relógio</i>	To work against the clock	Travailler contre la montre	Nach der Uhr arbeiten	Trabajar contra reloj	Laborare contra l'orologio
<i>Dar o nó</i>	To tie the knot	Se mettre la corde au coup	sich verbinden	Dar el si	
<i>Voltar uma nova página</i>	To turn over a new leaf	Tourner une nouvelle page	Ein neues Kapitel beginnen	Volver la hoja	Girare pagina

Perante estes exemplos, a que se poderia, obviamente, juntar uma multidão de muitos outros, parece possível arriscar-se a afirmação de que, em muitos casos, o apelo imagístico das metáforas tem equivalências coincidentes ou muito próximas nas línguas que se albergam na mesma zona cultural e civilizacional. Mas, por outro lado, ainda no âmbito dessa proximidade, detectam-se diferenças, nem sempre subtis, que, dentro de um cenário civilizacional abrangentemente comum, marcam localmente as metáforas. Tal chega a acontecer até nos domínios de uma mesma língua,

## ACERCA DA TRADUÇÃO DA METÁFORA

como é o caso do português europeu e do português do Brasil, testemunhado por exemplos como os seguintes:

Inglês	Portugal	Brasil
<i>To be full of hot air</i>	Andar inchado como um balão	Ser metido a sebo
<i>To gibe oneself airs</i>	Dar-se ares	Meter-se a besta
<i>To hold the baby</i>	Ficar com a criança (nos braços)	Ficar com o abacaxi
<i>To know one's business</i>	Saber da poda/do negócio	Entender do riscado

A maioria das metáforas acabadas de apresentar suportam uma tradução literal, em alguns casos mesmo palavra por palavra, de acordo com a terminologia proposta por Catford<sup>33</sup>. Com base nestes exemplos, poderíamos afirmar que a metáfora na língua de chegada é resultante directa e imediata da tradução literal da forma original. Isto coincide com a doutrina de Kloepfer e de Reiß, que advogam ser a metáfora fácil de traduzir por poder ser adequadamente traduzida, palavra por palavra, para a LC. No entanto, há que acrescentar a este propósito que estes dois teóricos perfilham tal opinião não especialmente para as metáforas convencionais e próximas em ambas as línguas, como são os exemplos que apresentei há pouco, mas, especialmente, para as metáforas mais ousadas e originais. Kloepfer escreve mesmo: «Quanto mais ousada e livre, quanto mais singular for uma metáfora, tanto mais facilmente se deixa transpor para outra língua»<sup>34</sup>. Entende-se este princípio à luz daquilo que já foi dito quanto à posição que este autor defende em relação à metáfora. De facto, se os tradutores e os seus leitores partilham de uma mesma mundivisão, a substituição de uma palavra do TP (texto de partida) pela sua equivalente na LC e a sua inclusão no conjunto das restantes palavras traduzidas deverão suscitar uma imagem próxima da que foi em primeira mão suscitada pela metáfora original. Mas as coisas passar-se-ão mesmo assim? Isto é, uma metáfora original numa língua passará para outra língua através de simples tradução literal? Uma resposta minimamente segura a esta questão implicaria um estudo em profundidade, especialmente de natureza histórica, quiçá impossível em relação a uma metáfora recente, e que não conheço feito por ninguém em relação a outras metáforas. Em qualquer caso, a regra de Kloepfer parece-me demasiadamente simplista e, no âmbito da teoria da tradução, diria mesmo,

<sup>33</sup> CATFORD, J. C. — *A Linguistic Theory of Translation*, Oxford University Press, 1978 (1.ª edição 1965), pp. 25-6.

<sup>34</sup> KLOEPFER — *Op. cit.*, p. 63.

perigosa. Na verdade, «o carácter fugidio da metáfora — por assim dizer, a dificuldade em agarrá-la linguisticamente — deriva do facto de ela se encontrar na fronteira entre a mudança e a fluidez linguísticas»<sup>35</sup>, o que concorre para que a sua tradução padeça de dificuldades especiais.

As considerações feitas até este ponto abordaram a tradução da metáfora em geral, tendo também sido tocada a tradução daquelas metáforas que apresentam elevado grau de proximidade nas duas línguas. Mas, mesmo não havendo dados estatísticos que o comprovem, estas últimas não constituem a maioria. É uma percepção intuitiva que deriva também da natureza da própria metáfora. «Culturas diferentes, e daí línguas diferentes, conceptualizam e criam símbolos por um processo diverso e, por isso, a metáfora é frequentemente específica de uma cultura»<sup>36</sup>. Se assim é, certas imagens podem não funcionar com o mesmo efeito conotativo na LP e na LC, o que impõe medidas cautelares por parte do tradutor. É por isso que este não deve só ser um bom conhecedor das duas línguas, devendo também ser um perito nas duas culturas. Snell-Hornby chama a atenção dos seus leitores para o facto de a tradução de uma frase inglesa tão simples como «She is a cat» para alemão ter de ser feita com algum cuidado pois, segundo esta autora, o gato simboliza coisas diferentes na civilização britânica e na germânica: na primeira ele é o simbolo do despeito e da maldade; na segunda simboliza graça e agilidade<sup>37</sup>. Em consequência disso, a tradução literal poderia não fazer funcionar o mesmo efeito metafórico que o original provoca. Se a mesma frase tivesse de ser traduzida para o português do Brasil, as cautelas teriam de ser ainda maiores visto que «Ela é uma gata» tem conotações muito diversas das referidas. Traduzir, neste caso, envolve prioritariamente não o sistema linguístico mas sim uma questão de cultura.

Sem sairmos ainda das generalidades sobre a tradução da metáfora, poderemos debruçar-nos sobre aquilo que alguns autores designam por *intenção do texto de partida* ou *intenção do autor*<sup>38</sup>. Tal intenção pode ser materializada de formas muito variadas e, muitas vezes, estão apenas implícitas (uso aqui o adjectivo por oposição a explícitas) no texto. Demos um exemplo, forjado para o efeito, de dois jornalistas que fazem a reportagem de uma manifestação pública que terminou com a intervenção da polícia. Ambos podem ser perfeitamente objectivos, usando, no entanto, formas diferentes de linguagem. O jornalista A pode escrever:

«Às 18h a polícia entrou em acção e espancou violentamente os manifestantes, terminando assim a manifestação».

<sup>35</sup> DAGUT — *Op. cit.*, p. 23.

<sup>36</sup> SNELL-HORNBY — *Op. cit.*, p. 57.

<sup>37</sup> *Ibidem.*

<sup>38</sup> E.g. NEWMARK — *A Textbook of Translation*, p. 12.

Enquanto que o jornalista B diz a mesma coisa de forma ligeiramente diferente:

«Às 18h a polícia entrou em acção, tendo a manifestação terminando após violenta batalha campal».

Comparando os dois passos de notícia, é possível detectar no primeiro, por parte do jornalista A, a intenção de pôr em destaque (pela negativa ou pela positiva) a acção repressiva da polícia. No segundo, a intervenção da polícia é atenuada, uma vez que «batalha campal» pode significar que ambas as partes 'deram e levaram'. E, note-se, estes dois textos poderiam — de acordo com algumas teorias da tradução — ter perfeitamente resultado da tradução de um único original numa língua estrangeira. Não é agora altura para discutirmos a legitimidade concedida ao tradutor para, através da adopção de uma ou outra forma, alterar intencionalmente ou simplesmente interpretar mal o propósito do original.

Ora, se num qualquer texto, usando de linguagem apenas denotativa, a compreensão da intenção do autor pode ser um elemento essencial para a correcta tradução, isso é muito mais válido para a tradução da metáfora, como forma privilegiada de linguagem conotativa. A metáfora tem «um efeito cumulativo que sugere uma percepção especial da realidade e é isso que o tradutor tenta captar»<sup>39</sup> antes de procurar a melhor correspondência na língua alvo. Segundo Dagut, a traduzibilidade da metáfora depende «a) das experiências culturais e associações semânticas especiais que ela explora e b) de quanto estes factores podem ou não ser reproduzidos sem anomalias na língua alvo, o que depende do grau de «sobreposição» de cada caso particular»<sup>40</sup>. Com o desenvolvimento generalizado das sociedades e consequente nivelamento das diferenças existentes através da obtenção de igual bem-estar e de padrões culturais muito aproximados, é possível que as metáforas tendam a universalizar-se. Cada vez mais as nações vão agindo e pensando de maneira semelhante, o que, do ponto de vista que aqui nos interessa, conduz, presumivelmente, à produção de modelos de linguagem cada vez mais próximos. E, nesse sentido, a missão do tradutor poderá estar a simplificar-se. Apesar disso, até ao presente, não obstante algumas tentativas individuais, não foi produzido nenhum conjunto de regras com aceitação mais ou menos generalizada aplicáveis à tradução de metáforas. Se elas existissem, seriam com certeza úteis ao tradutor, nomeadamente aos candidatos a tradutores que é missão dos cursos universitários de tradução prepararem. Por isso se justifica mais uma iniciativa com esse propósito, mesmo que inspirada nas indicações fornecidas pelas iniciativas já apontadas, as quais

<sup>39</sup> HATIM, Brasil; MASON, Ian — *Discourse and the Translator*, Londres/N. Iorque, Longman, p. 4.

<sup>40</sup> DAGUT — *Op. cit.*, p. 32.

irão sendo referidas de acordo com o grau e forma de contribuição para as linhas orientadoras que procurarei sistematizar daqui em diante.

Para isso tenho que voltar à tipologia tripartida de metáforas que anteriormente propus, isto é, metáforas mortas, convencionais e originais. Prefiro a designação *convencionais* a *vivas*, pelo maior conforto de referência que aquele termo proporciona. A metáfora original também é viva e, por isso, o segundo termo poderia conduzir à ambiguidade.

a) *Tradução da metáfora morta* — Como forma lexicalizada, a metáfora morta, mal merece o nome de metáfora. Max Black considera que chamar a estas metáforas é o mesmo que dizer que «um cadáver é um caso especial de pessoa»<sup>41</sup>. Elas fazem parte do património lexical de uma língua e os seus falantes nativos comuns usam-na ignorando totalmente a sua anomalia original, a sua característica de violadora de regras. Por isso o tradutor poderá também não lhe conceder qualquer atenção especial e tratá-la como qualquer forma normal. De uma maneira geral, os dicionários bilingues resolvem o problema ao fornecerem a quem os consulta um termo na LC que veicula o sentido daquele que na LP foi originariamente usado em sentido metafórico. Normalmente, esses termos, originariamente metafóricos, têm equivalentes não metafóricos na língua de chegada. Simplesmente, por questões de estilo, de colorido ou expressividade, os autores ou falantes que os empregam preferem-nos em relação aos termos 'mais normais'.

Nisto reside um primeiro factor sobre o qual o tradutor se deverá interrogar: por que razão foi usada esta palavra e não outra? Se conseguir resposta para a sua interrogação, o tradutor deverá meter-se na pele do autor original e tentar encontrar na LC uma metáfora morta correspondente que seja tradução fiel. Se está a traduzir do inglês para o português, encontrará com frequência as correspondências desejadas, pelo facto de as duas línguas fazerem parte da mesma civilização ocidental, não obstante terem diferentes origens linguísticas. Exemplos como os seguintes não oferecem dificuldades especiais dado que, tanto no inglês como no português, as metáforas estão definitivamente lexicalizadas:

Inglês	Português
a) <i>His brothers's particular field of research is technical translation</i>	O campo especial de investigação do irmão dele é a tradução técnica
b) <i>She was the head of that rebellion</i>	Ela foi a cabeça daquela rebelião

<sup>41</sup> BLACK, Max — «More about metaphor», in ORTONY, Andrew (ed.) — *Metaphor and Thought*, Cambridge, Cambridge University Press, p. 26.

## ACERCA DA TRADUÇÃO DA METÁFORA

Mas devido ao facto de a língua inglesa ser altamente metafórica, surgem frequentes casos em que a correspondência em português não existe como metáfora lexicalizada. Eis dois exemplos possíveis:

Inglês	Português
c) <i>I was mazed by the way he talked about computers</i>	Eu fiquei <i>confundido</i> pelo modo como ele falou de computadores
d) <i>English breakfast used to be a very substantial meal</i>	O <i>pequeno almoço</i> inglês costumava ser uma refeição muito rica

Comparando as traduções nestes dois grupos de exemplos, ressalta a perda de expressividade que se regista no segundo grupo. Na tradução de c) perde-se o sentido de labirinto contido em 'mazed' (\* 'labirintado' soaria estranhamente); na tradução de d) perdeu-se o sentido de quebra do jejum presente em 'breakfast', que se mantém, por exemplo, no espanhol 'desayuno' e, em algum grau, no português popular de Angola 'mata-bicho'. Seria, por conseguinte, demasiadamente simplista dizer-se que a tradução de metáforas mortas não oferece dificuldades. Elas persistem e o tradutor tem que ter delas consciência.

b) *Tradução de metáforas convencionais* — A metáfora convencional, aquela que os falantes utilizam com a consciência de que estão a recorrer a uma forma especial de linguagem, é a que mais interessa na perspectiva deste estudo. A sua tradução pode representar graus variados de dificuldade, conforme a maior proximidade ou o maior distanciamento que existem entre a forma original e a sua ou as suas correspondências na LC. São várias as situações que se podem verificar.

Em primeiro lugar, consideremos a situação em que à metáfora na LP corresponde uma metáfora na LC, como acontece nos exemplos seguintes:

Inglês	Português
a) <i>To put the cart before the horse</i>	Pôr o carro à frente dos bois
b) <i>We are on the threshold of a new Europe</i>	Estamos no limiar de uma nova Europa
c) <i>To have a lump in one's throat</i>	Ter um nó na garganta
d) <i>I was told that he kicked the bucket last week</i>	Disseram-me que ele bateu a bota a semana passada
e) <i>He came in arrogantly, but when he left he was eating humble pie</i>	Ele entrou com arrogância mas, quando saiu, ia com a rabo entre as pernas
f) <i>His boss gave him an earful because he arrived late</i>	O patrão deu-/passou-lhe uma ensaboadela por ter chegado tarde

Os exemplos *a)*, *b)* e *c)* apresentam grande proximidade nas duas línguas; poderá dizer-se que a tradução literal, nestes três casos, resultaria bem no caso de o tradutor não conhecer a metáfora portuguesa consagrada pelo uso. Mas tornam-se óbvias as cautelas que o tradutor tem de observar para não cair, inadvertidamente, em soluções menos exactas ou mesmo caricatas. A primeira dessas cautelas é evidente: é necessário que o tradutor estude cuidadosamente o sentido expresso pela metáfora na LP, uma vez que tal sentido só muito raramente é o resultado da soma dos sentidos das palavras que formam a metáfora. Acontece com muita frequência que nem os dicionários monolíngues mais conhecidos nos ajudam em casos desses. O contexto e os dicionários de expressões idiomáticas constituirão a ajuda mais útil. Mas não basta ao tradutor assegurar-se do sentido: ele tem de procurar na LC a metáfora correspondente para evitar, suponhamos, que, em relação ao exemplo *a)*, traduzisse *pôr a carroça à frente do cavalo*, uma tradução que seria fiel ao sentido mas não coincidente com a forma que o uso consagrou em português em consequência de uma realidade cultural diferente. A busca da equivalência tem que resultar na forma exacta, isto é, na forma portuguesa idiomática precisa e não aproximada.

Os exemplos *d)*, *e)* e *f)* não poderiam ser resolvidos, nem mais ou menos, através da tradução literal. Por isso se coloca de novo a urgência do correcto entendimento do original; de novo também se impõe a procura da correcta equivalência na língua para que o tradutor traduz. Nestes casos, essa equivalência existe e existe em mais do que uma única alternativa. Quando isto acontece, quando o tradutor se dá conta de que as correspondências na língua de chegada são variadas, ele fica colocado numa situação de acrescida dificuldade, pois tem que tomar decisões acerca da melhor forma a utilizar. Mas para isso não basta o correcto entendimento do original: é necessário também levar em conta todo o contexto, particularmente o estilo, antes de decidir, por exemplo, se deve traduzir *kicked the bucket* por *bateu a bota* ou por *foi-se desta para melhor*.

Considerámos já, até este ponto, uma situação com duas variantes: a existência de metáforas correspondentes na LC às encontradas na LP, sendo *a)* uma das variantes as correspondências próximas e *b)* a outra as correspondências mais distantes que não se conseguem através da simples tradução literal.

Mas pode ainda acontecer um outro caso: o da não existência de metáfora correspondente na LC, uma situação frequente quando se traduz do inglês para o português. Vejamos alguns exemplos para os quais julgo não haver correspondência metafórica em português:

- g) *I cannot help you because I am no longer in the driver's seat*  
 h) *The police have their ear to the ground as they suspect something serious is being planned*  
 i) *His boss warned him to pull his socks up or he would be dismissed*

Em casos como estes, o tradutor não tem outro caminho a seguir senão o da tradução parafraseada, dando expressão na LC ao sentido da metáfora na LP. Por outras palavras, ele vai traduzir a explicação que o dicionário monolíngue fornece para a metáfora que tem de verter para a sua língua de uso habitual. Correria o risco de ser incorrectamente interpretado se fizesse uma tradução literal, mesmo que fosse sua intenção lançar/criar uma nova metáfora.

c) *Tradução das metáforas originais* — Tratemos finalmente da tradução das metáforas originais ou criativas, aquelas que tanto Kloefer como Reiß afirmam ser as mais fáceis de traduzir. E comecemos por interrogar-nos sobre o sentido a atribuir à afirmação categórica destes teóricos alemães. Querirão eles dizer que a circunstância de uma nova metáfora não ter (a não ser por extraordinária coincidência), correspondência em qualquer outra língua simplifica o processo de busca e, só por isso, determina maior facilidade de tradução? Na verdade, como disse há pouco, uma das grandes dificuldades que a tradução da metáfora representa reside no risco de se não encontrar uma metáfora correspondente na LC e ela, afinal, existir. Ora se a metáfora é genuinamente criativa e original, com grandes probabilidades, será única; e, sendo única, não tem correspondências noutra língua. Assim, traduzir palavra por palavra pode ser uma boa solução. Experimentemos com um exemplo já acima referido e que, como disse, me parece poder ser considerado como contendo uma metáfora original.

Inglês	Português
<i>Paris sizzled in the spotlight of recriminations, but last week it took action to avoid the heat</i>	<i>Paris esturricava debaixo dos holofotes da recriminação, mas na semana passada pôs-se em campo para evitar o calor</i>

Será que *esturricava* é uma boa tradução para *sizzled*? Talvez seja um verbo bastante usado para exprimir uma situação semelhante em português. *Assava* talvez fosse um bom substituto. Mas é óbvio que, em ambos os casos, se perde a componente sonora que o verbo *sizzle* veicula. Seria de arriscar *frigia*, embora não seja comum o seu uso em português como verbo

intransitivo? E se usássemos essa forma verbal, estaríamos a lançar uma metáfora nova na nossa língua?

Vejamos ainda outro exemplo <sup>42</sup>. O actual arcebispo de Cantuária descreveu a Igreja Anglicana como

Inglês	Português
<i>An old lady muttering platitudes through toothless gums</i>	Uma velha desdentada que deita banalidades da boca para fora

A tradução portuguesa que sugiro é o resultado de uma redistribuição dos traços semânticos ('features'): por exemplo, no original, *toothless* era atributo de *gums*, na minha tradução é-o de velha, não em consequência de um acto arbitrário, mas sim porque me pareceu que é assim que se diz em português. A tradução literal de *gums* por *gengivas* resultaria, para a minha sensibilidade, em algo de mau gosto. Uma tradução ainda mais literal em que, por exemplo, se traduzisse *muttering* por uma palavra portuguesa mais próxima (e.g. *resmungando*) e se traduzisse directamente *gums*, resultaria melhor? A interrogação tem razão de ser, mas não sei se obterá resposta fácil. E é nessa dificuldade de resposta que reside a dificuldade da tradução das metáforas originais. Por não haver metáfora correspondente na LC, o tradutor tem mais campo de manobra, está mais liberto de restrições, mas tem, indiscutivelmente, maiores responsabilidades e corre mais riscos de fazer trabalho menos qualificado.

Em resumo, e para concluir, diria que traduzir metáforas continua a ser traduzir, mas, agora, traduzir sob condicionamentos acrescidos. A boa regra será, em todas as circunstâncias, procurar traduzir uma metáfora (quer ela seja morta quer convencional) pela metáfora correspondente na LC. Quando esta não existe — e chegar a esta conclusão é tão difícil como descobrir a metáfora desejada —, o único caminho que resta ao tradutor é traduzir a paráfrase dessa metáfora. Para se traduzir uma metáfora original, deve-se traduzir tão literalmente quanto for possível e afastar-se da literalidade o mínimo necessário, apenas para se manter a autenticidade de expressão na LC.

M. Gomes da Torre

<sup>42</sup> In *Time* de 2 de Setembro de 1991, p. 65.